

RACISMO E PRECONCEITO RELIGIOSO NO BRASIL A PARTIR DA ICONOGRAFIA DE JEAN BAPTISTE DEBRET

Lauany Pugina Silva¹, Selson Garutti²

RESUMO: Racismo e Preconceito são hoje temas das principais notícias de imprensa e debates nacionais e internacionais, discutidos nos mais diferentes assuntos, em congressos e simpósios, são estudados por especialistas das mais inusitadas áreas, pois estes temas apresentam-se ainda hoje como uma questão insolúvel para a humanidade. No Brasil, quase tudo sobre o racismo e o preconceito religioso ainda estão por serem estudados. A sociedade brasileira, na fase que se encontra, requer mais do que nunca, estudos e pesquisas nesse sentido. Esta pesquisa se deu como forma de propiciar esclarecimento para alguns pontos a respeito do surgimento do racismo e do preconceito religioso no Brasil através principalmente de uma das obras de Jean Baptiste Debret, o livro “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Preconceito Religioso; Debret.

1 INTRODUÇÃO

Jean Baptiste Debret, pintor, desenhista, gravador, professor, decorador e cenógrafo. Após a morte de seu único filho, Debret decide integrar na Missão Artística Francesa, que vem ao Brasil em 1816.

Instala-se no Rio de Janeiro e, a partir de 1817, ministra aulas de pintura em seu ateliê. Em 1829, organiza a Exposição da Classe de Pintura Histórica da Imperial Academia das Bellas Artes, primeira mostra pública de arte no Brasil. Deixa o país em 1831 e retorna a Paris.

Entre 1834 e 1839, edita o livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, em três volumes, ilustrado com litogravuras que têm como base as aquarelas realizadas com seus estudos e observações.

Debret desempenhou autênticos registros visuais que permitem acompanhar a vida da Corte no Brasil e conhecer o ambiente que os cercava, assim como acompanhar o que acontecia na época.

Indiscutivelmente o mais famoso álbum iconográfico a respeito do Brasil, o Debret merece sua reputação por todos os títulos: a precisão e acuidade da observação, a qualidade do desenho e a variedade de temas que abrange desde os grandes eventos políticos aos utensílios indígenas, passando pelas roupas da corte, pelos costumes do Rio de Janeiro, cenas de escravos, de índios. Enfim, tudo de curioso que o artista pode observar nos quase 15 anos que passou no Rio de Janeiro. Debret foi de fato o grande divulgador do Brasil e suas imagens foram, provavelmente, as de impacto mais durável no imaginário europeu (LAGO, 2001, p.168).

A obra produzida por Jean Baptiste Debret, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, trata-se de um conjunto de imagens, elaboradas nos anos em que o artista viveu no

¹ Acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá, Paraná. Bolsista do Programa de Iniciação Científica do CESUMAR (PROBIC). llauany_y@hotmail.com

² Orientador e Docente do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá, Paraná. sgarutti@cesumar.br

Brasil, referentes à composição social e étnica da sociedade brasileira. Disposta em três volumes, no qual cada um corresponde a um segmento étnico, observados e considerados pelo pintor como constituinte da sociedade brasileira da época, são eles, os índios americanos, os negros africanos e os brancos europeus.

Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil é composto, em seu primeiro tomo, de 36 litografias referentes aos índios do Brasil, das quais foram escolhidas nesta análise apenas as pranchas 6, 13 e 20. Em seu segundo tomo, foram escolhidas as pranchas 5, 6, 7, 15, 23, 25, 29 e 45; já no tomo terceiro, foi escolhida a prancha 5. A seleção das pranchas se baseou na observação de elementos que servissem à exposição de nossos objetivos.

Este estudo tem como proposta realizar uma análise a partir da iconografia de Debret a respeito do surgimento do racismo e do preconceito religioso no Brasil, buscando também, em suas obras e em outras fontes, ressaltar como eram tratados os índios e os negros no período colonial do Brasil, assim como caracterizar a catequização dos índios.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A fonte de informação se desenvolveu, principalmente, através de três livros de Jean Baptiste Debret onde o autor apresenta suas iconografias e a análise destas.

Os materiais e/ou equipamentos foram; técnicas de leitura, técnicas de resenha, técnicas de análise de texto, técnicas de interpretação de imagens e computador.

O local da busca de informações foi em bibliotecas e internet.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram escolhidas para análise do livro, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil de Jean Baptiste Debret, do volume I as pranchas 6,13, 19 e 20; do volume II as pranchas 5,6,7,15,23,25,29 e 45; do volume III a prancha 5. Tais pranchas foram selecionadas devido à inferência feita com o projeto. Mas para esta Mostra foram escolhidas apenas as pranchas 6, 7 e 23 do volume II.

Segundo as iconografias de Debret analisadas se pode perceber que havia uma grande diferença na forma de vida dos índios, negros e portugueses. Aos quais se diferenciavam por vários fatores como cultura, costumes, religião entre outros. Dessas diferenças surgiram o desrespeito das mesmas pelos portugueses, os quais chegaram em terra estranha (Brasil) e não reconheceram que os índios eram seres diferentes deles e também mereciam compreensão de cultura e costumes, muito pelo contrario, os portugueses viam os índios como selvagens sem alma.

Na prancha seis do volume II da obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil” que está abaixo (Figura 1), segundo Debret está representada uma senhora brasileira cuja se encontra sentada, pode-se observar também a extremidade de um chicote, inteiramente de couro, com o qual os senhores ameaçam os seus escravos a todo instante. (DEBRET, v. II, 1989, p. 52).

A criada de quarto, negra, trabalha sentada no chão, aos pés da senhora. À direita, outra escrava, sentada um pouco além de sua senhora. Os dois negrinhos, apenas em idade de engatinhar se encontram na frente da senhora. Esta pequena população nascente, fruto da escravidão, torna-se, ao crescer, um objeto de especulação lucrativa para o proprietário e é considerada no inventário um imóvel.

Pode-se observar nesta prancha segundo os comentários de Debret, que o mesmo nos mostra a grande divergência de poderes e dinheiro por causa da etnia.



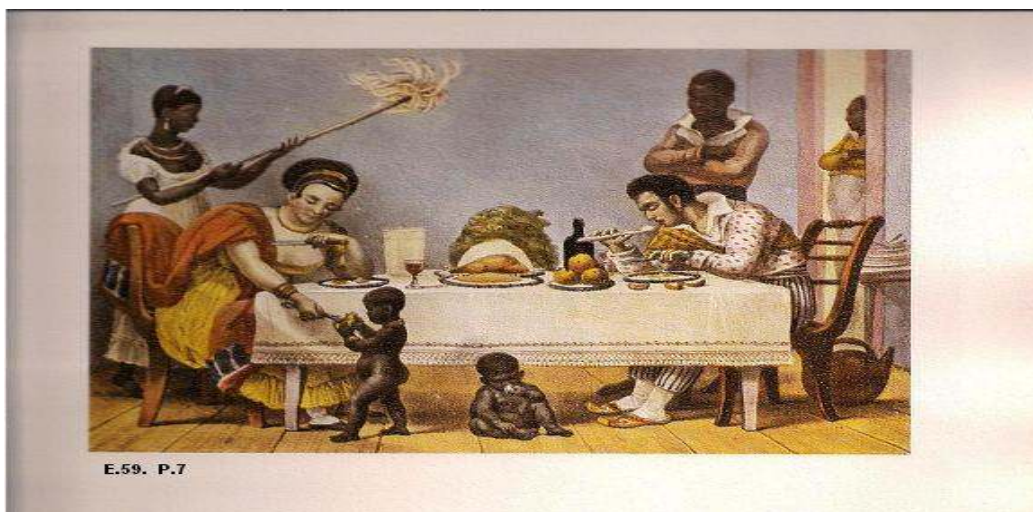
E.57. P.6

Figura 1. Prancha 6 do volume II – Uma Senhora Brasileira em seu Lar

Na prancha sete do volume II, que segue abaixo (Figura 2), nota-se um típico jantar brasileiro de uma família rica, o qual Debret retrata rigorosamente o tipo de alimentação desta época, porém não entraremos em minúcias quanto à alimentação, nos voltaremos para os personagens desta obra. Temos à mesa os senhores da casa, ao lado da senhora, em pé temos uma escrava negra que abana a senhora na hora de sua refeição; do lado do senhor, temos em pé outro escravo negro que parece apreciar o alimento farto dos senhores.

Nota-se também a presença de outro escravo negro entre a porta, assim como duas crianças negras no chão comendo as migalhas que os senhores dispensam a elas, como se fossem algum tipo de animal.

Pode-se analisar que nesta pintura de Debret está bem clara a presença do preconceito racial vivida com naturalidade pelos senhores nesta época.



E.59. P.7

Figura 2. Prancha 7 do volume II – O Jantar no Brasil

A prancha 23 do volume II, que segue abaixo (Figura 3), segundo Debret, na Rua do Valongo que se encontrava, no Rio de Janeiro, o mercado de negros, onde eram guardados os escravos chegados da África. Essa sala de venda está infectada pelos miasmas de óleo de rícino que se exalam dos poros enrugados desses esqueletos

ambulantes, cujos tem os olhares furiosos, tímidos ou tristes. Os ciganos traficantes de negros são verdadeiros negociantes de carne humana. (DEBRET, v. II, 1989, p.105).

O brasileiro discerniria pela fisionomia os caracteres distintivos de cada um dos negros colocados na fila à esquerda da cena. O primeiro, atormentado por coceiras e que cede à necessidade de se esfregar, é velho e sem dúvida sem energia; o segundo, ainda sadio, é mais indiferente; o terceiro é de gênio triste; o quarto é paciente; o quinto apático; os dois últimos são sossegados.

Os seis no fundo, quase da mesma nação, são todos suscetíveis de fácil civilização. Os moleques sempre amontoados no centro do quarto, nunca se mostram muito tristes. Um mineiro discute com o cigano sentado na poltrona o preço de um deles.

Esta iconografia expressa claramente as condições onde viviam os negros chegados da África, cujos eram tratados como animais, adquiriam diversas doenças, tinham o corpo esquelético e eram vendidos como uma simples mercadoria.

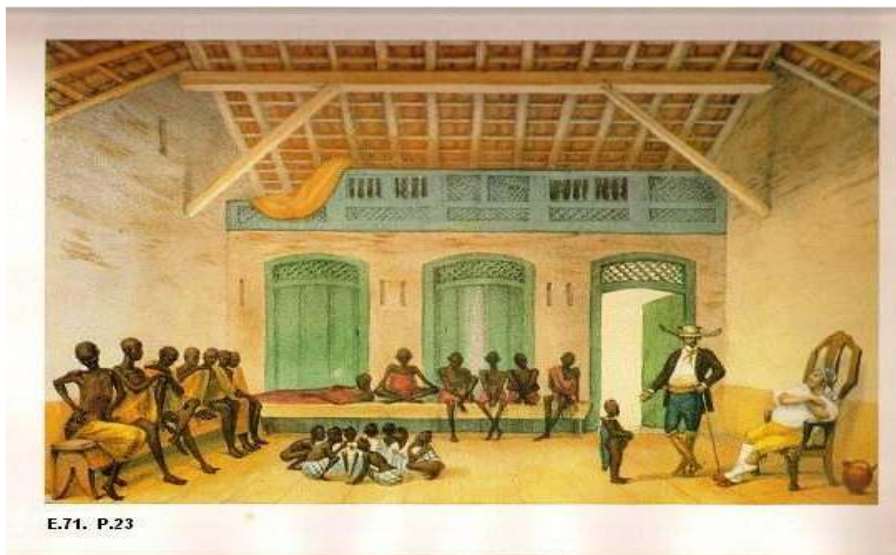


Figura 3. Prancha 23 do volume II – Mercado da Rua do Valongo

4 CONCLUSÃO

Tratar da temática da discriminação étnica e religiosa é tratar de identidade, valores e tradições. É tratar também de inclusões e exclusões.

Por etnias e religiões fazem guerras, como tem demonstrado a História Mundial em todos os tempos. Por isso, tratar da discriminação religiosa e étnica é tratar da possibilidade da Paz.

Segundo as análises feitas nas iconografias de Debret e a história do Brasil Colônia pode-se analisar que o surgimento do racismo no Brasil se deu por meio da chegada dos portugueses, que vieram impondo a sua raça como superior à dos índios e logo após à dos negros. O surgimento do preconceito religioso no Brasil se deu também nesta época, quando os jesuítas chegaram ao Brasil afirmando que os índios eram selvagens sem almas, então começaram a catequizá-los, assegurando que somente a sua religião era certa.

É interessante observar que diferentes autores, de diferentes áreas, têm, e já há algumas décadas, clamado que se dê atenção aos rumos que a Humanidade vem tomando.

Lorenz afirma que a espécie humana é a única, dentre as espécies, que usa seu diferencial em relação às demais contra si mesma, e não em busca de preservação e aprimoramento. (LORENZ, 1988).

Assim, o raciocínio abstrato, formal, levaram, por um lado, a um aprimoramento tecnológico jamais imaginado em outros tempos pelo ser humano. Por outro lado, desenvolveu-se os sentimentos de posse, promovendo deslocamentos de consciência, levando assim à não aceitação do outro, isto é, aos vários tipos de preconceitos. Entende Lorenz que a educação tem o papel de desenvolver a sensibilidade e a consciência, de promover uma revalorização dos valores. (LORENZ, 1988). Sendo assim, somente pela educação poderemos criar uma consciência étnica e moral na humanidade.

REFERÊNCIAS

BARBUJANI, Guido. A invenção das Raças. São Paulo: Contexto, 2007.

BELLUZZO, Ana Maria. Brasil dos Viajantes – A Propósito D'o Brasil dos Viajantes. Revista USP. São Paulo: (30): 8 – 19. Junho / Agosto 1996.

BUENO, Eduardo; VAINFAS, Ronaldo. A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CALDEIRA, Jorge. Viagem pela história do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARNEIRO, M. Luiza Tucci. Preconceito Racial Portugal e Brasil – Colônia. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CRISTINA, Teresa de Carvalho Cruz. Análise Iconográfica do Trabalho Escravo no Brasil a partir de uma Pintura de Debret. Percursos - UDESC. Santa Catarina, Vol. 7, No 2 (2009).

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil I. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil II. Belo Horizonte: Itatiaia ; Sao Paulo : Ed. da USP, 1989.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil III. Belo Horizonte: Itatiaia ; Sao Paulo : Ed. da USP, 1989.